

# Nomeação e tipo clínico

GABRIEL LOMBARDI

Aplaudo o ato da escolha do tema da nomeação para as Jornadas Europeias de nossa Escola.<sup>1</sup> É uma questão decisiva para a psicanálise, embora difícil de sustentar nesta época em que a associação do capitalismo com a ciência empurra com força ao "todos proletários", o anonimato resultante da substituição das referências tradicionais pela informação.

O fato de que os dois nomes que jogam a função estruturante mais importante para o ser que fala - o patronímico e o nome próprio - cumprirem sua função de maneira inconsciente, faz da psicanálise o método eletivo para indagar de que modo estes nomes estão implicados na eleição do sexo, do objeto, do sintoma, e em que contribuem ou inibem a passagem da fantasia ao ato e do sintoma à obra.

Quanto à relação do pai com a nomeação, Freud e Lacan operaram uma laicização da questão que não nos autoriza a atenuar a função do pai na subjetividade de nossos dias. Quanto mais decaído está o pai, mais afastado da perfeição e do poder de Deus, mais a psicanálise pode constatar que a função dele não depende somente do sentido com que tradicionalmente é investido. O pai não é o genitor, dizemos à ciência; tampouco é Deus, concedemos à religião; mas, enquanto psicanalistas, sabemos que a nomeação do pai (no duplo sentido do genitivo objetivo e subjetivo) é decisiva. Deixar a autoridade dessa matéria à religião seria uma contribuição de nossa parte à anunciada morte da psicanálise.

Vou esboçar três pontos.

O primeiro, em relação ao Nome do Pai, uma vez que suas diferentes versões dependem dos tipos clínicos de sintoma no sentido psicanalítico do termo.

nome do pai e tipo clínico

Quero recordar que, na clínica clássica da psicanálise, os tipos clínicos (neurose, perversão, psicose, e seus subtipos) levam

<sup>1</sup> Trabalho apresentado nas Jornadas europeias, intituladas 'O parentesco em questão'. Paris, 8 e 9 de outubro de 2005.

o estigma específico da nomeação como função ligada ao pai. Isso ficou estabelecido por Lacan entre os anos 1950 e 1960, e, em minha opinião, jamais foi contestado: nenhum dos progressos ulteriores de seu ensino supõe abandoná-lo ou relativizá-lo. Em que consistem os tipos clínicos? Nas distintas formas pelas quais o ser falante (*parlêtre*), separado de seus atributos por uma ordem de linguagem, admite ou nega o vínculo erótico com o pai, como referência instituinte de seu ser, e de seu ter ou não ter.

A idéia de um progresso na doutrina psicanalítica do pai, de uma superação de Freud por Lacan, e do primeiro Lacan pelo último Lacan etc., em suma, a idéia de um progresso que acompanharia a decadência da figura paterna como referência, tem como efeito atenuar a importância de um real revelado em Freud com tal força, que mesmo Lacan precisou fazer diversas piruetas lógicas para examiná-lo cientificamente, sem diluir a força de sua presença no discurso psicanalítico: o pai é esse elemento mítico, o resíduo último das mitologias que na experiência analítica constitui “o único caso em que o real é mais forte que a verdade”.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Lacan. Conferência na Universidade de Columbia (1973).

O real do pai constitui um limite do analisável. Porque se ama o pai, o pai do nome (e não o biológico nem o pai informatizado do DNA), pode-se gozar nos limites impostos pela castração. Tais coordenadas condicionam fortemente sua posição em relação ao ato.

Os tipos clínicos lacanianos se baseiam no seguinte detalhe, cujo valor estruturante é, todavia, inegável na clínica: admitir o nome do pai como referente metafórico não é a mesma coisa do que tê-lo foracluído como tal, por sentir, no momento decisivo, que não tinha sido encarnado – senão por um impostor. É bem conhecido que isso estabelece a linha divisória entre a eleição da neurose ou perversão, por um lado, e o posicionamento do psicótico pelo outro. Questão preliminar a todo tratamento possível da psicose subscrito por Lacan inclusive em seu último grande texto, *O aturdido*.

O descuido da função do nome parece-me um risco para a psicanálise, o qual se evidencia em primeiro lugar no descuido do diagnóstico propriamente psicanalítico, resultante de abandonar a pergunta: é o pai para o sujeito uma referência metafórica? Esse descuido leva rapidamente à criação de novas ‘borderlândias’ pseudolacanianas, nas quais a interpretação dos ‘casos raros,

inclassificáveis' se realiza a partir de uma leitura parcial do último ensino de Lacan, desconhecendo a importância estruturante do vínculo ao pai na eleição do sintoma, com o que a própria noção de sintoma implica o saber inconsciente daquilo que o próprio sintoma tem de típico.<sup>3</sup>

A tríade lacaniana neurose-perversão-psicose pode ser substituída por uma clínica difusa antes de termos aprendido a usá-la.<sup>4</sup>

Segundo ponto:

a penúria neurótica do nome próprio

Por menos que seja o pai, sua função nomeante inconsciente adquire tal relevância (metafórica na neurose e na perversão, restos metonímicos do nome do pai, eficazes de outro modo na psicose não criativa) que o nome próprio do sujeito passa a um plano secundário na clínica psicanalítica. O neurótico, identificado inconscientemente ao efeito-falo da metáfora paterna, é antes um sem nome, sem nome próprio.

Por pouco que algum interesse divergente do reconhecimento do nome importe a ele, o neurótico testemunha com facilidade o incômodo ante seu nome próprio, sente vergonha e, às vezes, ódio dele. Inconscientemente, assinala a coisa que ele é: inadmissível na medida em que ele mesmo se olha e se reconhece somente a partir dos ideais já estabelecidos no Outro, ideais repressivos relacionados à coisa pulsional. Podemos constatar com regularidade, na análise, que o nome próprio tem sido afetado pelo isolamento obsessivo, pelo esquecimento histérico, pelo temor em colocar a assinatura.

É verdade que o nome próprio não é tão próprio quando se integra, via discurso do inconsciente, nos curtos-circuitos do narcisismo e do reconhecimento do Outro: a neurose se produz justamente quando esse reconhecimento funciona como impedimento (*empêchement*), como armadilha, como captura narcisística, embora seja capturada ao final como impedimento para a ação.

Alguns sujeitos não se adaptam bem aos tipos clássicos e se separam dos modos usuais em que o nome próprio se obscura ante a eficácia referencial do nome do pai. A auto-nomeação,

<sup>3</sup> O autor faz referência à Conversação de Arcachon, que no Brasil saiu publicado como "Os casos raros, inclassificáveis, da clínica psicanalítica. Biblioteca Freudiana Brasileira, 1997.

<sup>4</sup> Sabemos usá-la? Podemos em todo caso perguntá-lo, quando os analistas demonstram saber reconhecer os traços de perversão nos neuróticos e nos psicóticos, mas não sabemos diagnosticar em nossos pacientes uma perversão no sentido mantido por Lacan como algo diferente da neurose e da psicose. Sentido que permitirá ao analista situar-se como tal diante de alguns dos pacientes que nos consultam, para os quais a divisão do sujeito não requer ser reunida em um só corpo: ainda que o pai seja para eles uma referência metafórica, respondem transferencialmente de um modo completamente diferente da neurose, de um modo mais livre, mais próximo da psicose, com o qual, todavia em nada se confundem.

a heteronímia, a pseudonímia, são variantes que conhecemos a partir dos atos e das obras de Joyce, de Pessoa, inclusive de Bataille. Poderíamos mencionar também aqui a mutilação do nome próprio em Sig(is)mund Freud como sustentação para a primeira ocorrência do ato psicanalítico? Há também, desde sempre, os casos que assinam decididamente com um nome recebido dos pais.

Os criadores encarnam, com seu nome, o próprio do nome próprio, que é fixar e indicar algo que escapa não somente à ordem classificatória, como também à função da predicação.<sup>5</sup>

Reconhecer a existência de criadores que assinam sua obra com um nome próprio, permite-nos ressaltar por contraste a vocação do neurótico para o anonimato. O neurótico não só não sabe do amor eterno que o une à nomeação do pai, como também desconhece até que ponto seu nome próprio constitui uma ancoragem, uma fixação, um destino nodal, um elemento do simbólico que lhe poderia permitir assinar suas palavras e suas obras, para separar-se, parir-se no social, fazer entrar a coisa que ele é no laço de desejo – e não meramente de reconhecimento – com o Outro.

Por isso creio que, como psicanalistas, deveríamos ir de encontro ao desvanecimento doutrinário da função do nome próprio. Não devemos generalizar de um modo apressado, rasurando a expressão de Lacan 'fazer passar o nome próprio ao nome comum', já que, ao neurótico, não lhe cabem nem a liberdade nem a coragem privilegiadas de Joyce para fazer-se um nome, para degradá-lo e difundi-lo no texto, na literatura e no século.

Vejo um segundo risco para a psicanálise quanto à função da nomeação: o descuido da função do nome próprio, pois poderia fazer-nos esquecer o sentido da análise, o que foi resumido por Colette Soler na primeira aula de seu curso *La querelle des diagnostiques* nestes termos: "O nome próprio não é o patronímico que alguém leva, senão um nome que identifica enquanto imprevisível, e se promove pelo viés dos atos e das obras. O nome próprio ex-siste ao Outro. Não se pode dizer de todo sujeito que seja um nome próprio – não se pode dizer do neurótico enquanto tal -. Uma análise desse nome, afirma Soler, começa pela injúria do diagnóstico, deve terminar por um nome para permitir ao sujeito apreender o que para ele trespassa (*épinglé*) seu ser enquanto

<sup>5</sup> "O nome próprio, disse Lacan, faz tudo o que pode para fazer-se mais que o SI, o SI que indica a falta prediativa do significante, que não pode senão remeter a outro significante" – é dizer que não logra designar-se a si mesmo, nem tampouco algo exterior ao sistema s -.

separado do Outro”.

Ademais, além dos casos típicos de repressão do Nome do Pai e ocultamento do nome próprio na neurose clássica, podemos incluir os seguintes casos, cada vez mais freqüentes nos consultórios:

O caso de perversão no balcão, cujo fantasma se apóia em um “se sabe, mas não se pode fazer saber”. Por exemplo, um sujeito que se desestabiliza e se angustia, sintomatiza-se, inclusive (fobia da olhada em um exibicionista) diante da ‘falta de anonimato’ quando se encontra ‘exposto’ a que o outro social se inteire de seu segredo, por ser isso incompatível com as exigências familiares e profissionais;

O caso típico que poderíamos chamar de “heterossexualidade lésbica” (em decorrência da impropriedade do termo homossexualidade para uma mulher): não só é irreconhecível para si, mesmo por fora dos circuitos lesbianos, como o pai é neles confinado e, ao mesmo tempo, resguardado no lugar da testemunha invisível; seu nome, ainda que desafiado, é cuidadosamente mantido presente, mas ‘à distância’.

Isto serve de introdução ao terceiro ponto que quero mencionar,

o laço entre o nome próprio e o nome do pai

Freud, Hans Sachs, e depois Lacan, assinalaram uma condição essencial à fantasia: o vínculo erotizado com o pai enquanto parceiro deve permanecer inconsciente. O sujeito da fantasia não sabe responder às perguntas: quem bate? Quem apanha? Nem o nome do pai nem o nome próprio estão disponíveis para ele.

É preciso nesses casos introduzir a pergunta sobre a relação do nome próprio com o nome do pai, vínculo que pode fazer da metáfora paterna o princípio da separação.

<sup>6</sup> Freud, "Moisés e o monoteísmo (1934-38/1976).

<sup>7</sup> Lacan. Nomes do Pai

<sup>8</sup> *All's well that ends well*. Shakespeare evidentemente gostava da expressão "The thing I am", que emprega várias vezes nas obras que redige e assina. A tradução literal seria: "A coisa que sou me fará viver".

<sup>9</sup> Lacan. Nomes do pai

<sup>10</sup> A delegação do pai assumida realiza a castração no sentido lacaniano do termo: como aliança inconsciente com o pai – não com Deus nem como um amo – enquanto aliança estruturante do nó.

Poderíamos partir, com Freud, da vocação de Moisés no Êxodo<sup>6</sup>, quando em resposta a seu chamado faz duas perguntas a Yahvé: Quem sou eu para empreender a missão? Que direi quando me perguntarem qual é seu nome? Já conhecem a resposta final de Yahvé, tão comentada por Lacan: não há mais resposta além de um nome que só remete a si mesmo: "Eu sou o que sou", essência do nome enquanto auto-referência - se posso dizer - castrada de predicação. Não há mais que isso para nomear-se.<sup>7</sup>

Nos casos usuais, podemos ir além do pai sob a condição de usá-lo, vale dizer, sob a condição de responder à vocação que seu nome implica para cada um. Empreender a missão ante uma tarefa decisiva, ante uma função, ante uma mulher, ante um filho ou uma batalha, supõe assumir o buraco do nome, supõe tomar o posto do pai em feito estrutural: não sou mais que uma versão de "eu sou o que sou": "eu sou o que sou eu", "eu sou a coisa que sou", "the thing I am", que ocasionalmente pode me permitir a irônica certeza expressada por Shakespeare: "The thing I am shall make me live"<sup>8</sup>.

"O nome é essa marca já aberta à leitura – disse Lacan antes de acabar seu seminário sobre *Os Nomes do Pai* – que se lerá igual em todas as línguas, impressa sobre algo que pode ser um sujeito que vai falar, mas que de nenhuma maneira falará forçosamente."<sup>9</sup>

Padecer do sintoma, ponto doloroso em que nos conhecemos sem nos reconhecermos, não é ainda falar, não é encarregar-se da invocação. A diversidade de sintomas testemunha, antes, as distintas formas em que se demora o encarregar-nos, em nome próprio, do legado do pai, enquanto transmite algo diferente que a carga genética<sup>10</sup>, uma aliança estruturante do nó (*o Noeud-bo*) na qual se apóia nossa existência.

No ato, enquanto encontro castrativo do gozo pulsional com o desejo do Outro, trata-se da sublimação da coisa que sou enquanto ser falante - capaz de dizer em nome próprio. Isto não é algo assegurado de antemão, não antes de dizê-lo.

Deixo aqui minha versão da vigência da questão do Nome do Pai e das formas diversas em que sua invocação repercute sobre o emprego ou o ocultamento do nome próprio.

Tradução: Luciana Vasconcelos Abreu Lima  
Revisão: Alba Abreu Lima

## referências bibliográficas

- FREUD, Sigmund. "Moisés e o monoteísmo" (1934-38). In: *Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. XXIV, 1976.
- LACAN, Jacques *L'etourdit*. In: *Scilicet*. Paris, n. 4, 1973.
- LACAN, Jacques *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- SOLER, Colette. *La querelle des diagnostiques*. Paris: Collège Clinique, 2004.

## resumo

O fato de que os dois nomes que efetivam a função estruturante mais importante para o ser falante, o patronímico e o nome próprio, cumpram sua função de maneira inconsciente, faz da psicanálise o método eleito para indagar de que modo esses nomes estão implicados na escolha do sexo, do objeto, do sintoma, e em que contribuem ou inibem a passagem da fantasia ao ato, e do sintoma à obra. Freud e Lacan operaram uma laicização da questão que de nenhum modo nos autoriza a atenuar a função do pai na subjetividade de nossos dias. Quanto mais decaído está o pai, quanto mais longe da perfeição e do poder de Deus, mais a psicanálise permite constatar que sua função não depende do sentido religioso com que, tradicionalmente, se o investiu.

Não podemos, como psicanalistas, desconhecer a importância da nomeação do pai. Isso não nos autoriza a descuidar do emprego que o sujeito faz de seu nome próprio. Coloca-se a pergunta da relação do nome próprio com o nome do pai na estruturação subjetiva.

## palabras-chave

Nome próprio, nome do pai, sintoma, tipo clínico

## abstract

The two most important names in the structuring of human being, the name of the father and the own name, work at an unconscious level. That makes psychoanalysis the appropriate method to study the way in which these names are involved in the choice of sex, object and symptom, and also to know how they contribute to or prevent from the passage from fantasy to act and from symptom to work.

Freud and Lacan produced a secularisation of the link between father and nomination. This does not allow us, however, to minimise the function of the father in subjectivity nowadays. The more the father declines, the further is the father from perfection and from the power of God, the more psychoanalysis is able to confirm that its function does not depend on the religious meaning with which tradition invests the father.

As psychoanalysts, we know that the father nomination is decisive. This does not allow us to neglect the importance of subject use of proper name. We inquire at last the unconscious rapport between proper name and the name of the father.

## key words

proper name; father's name; symptom; clinical type.

recebido

21/02/2008

aprovado

12/04/2008